

Raizes Peregrinas

Histórias, memórias e tradições dos povos ciganos contadas em prosa



Carolina Lorena Coelho
Daniel Valério Martins



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA GOIANO**

Campus Urutaí

Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica
(PPGE_nEB)

CAROLINA LORENA COELHO

DANIEL VALÉRIO MARTINS

Raízes Peregrinas

*Histórias, memórias e tradições dos povos ciganos
contadas em prosa*

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino para a Educação Básica.

URUTAÍ – GO

2026

DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

Título: Raízes Peregrinas - Histórias, memórias e tradições contadas em prosa dos povos ciganos

Autora: Carolina Lorena Coelho

Orientador: Daniel Valério Martins

Tipo de Produto: Material Didático

Subtipo de Produto: *E-book* paradidático

Público - alvo: Infanto-juvenil, alunos e professores de escolas públicas.

Vínculo do Produto Educacional: Dissertação de Mestrado Profissional – Processo de Sobreculturalidade e Cultura Cigana: Estudo na Etnia Calon de Caldas Novas – GO

Programa de Ensino: Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica.

Instituição Associada: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Urutaí.

Linha de Pesquisa: Atuação Docente e Educação para a Cidadania.

Lócus de Implementação do produto Educacional: Instituições ofertantes do Ensino Fundamental, Médio e EJA.

Disponibilidade: Irrestrita, preservando-se os direitos autorais e a proibição do uso comercial do produto.

Divulgação: Em formato digital.

Idioma: Português.

Validação: O produto foi validado por professores da educação básica, integrantes da etnia cigana e pela banca examinadora.

Palavras - chaves: Ciganos; Diversidade étnico-cultural; História e Cultura Cigana; Literatura Infanto-Juvenil; Produto educacional; *E-book*.

CRÉDITOS E DIREITOS AUTORAIS

Raízes Peregrinas - Histórias, memórias e tradições contadas em prosa dos povos ciganos © 2026 por CAROLINA LORENA COELHO E DANIEL VALÉRIO MARTINS está licenciada sob Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

É permitida a cópia, o download e o compartilhamento deste material, desde que sejam atribuídos os devidos créditos aos autores. Não é permitido o uso comercial da obra nem a criação de obras derivadas a partir deste material.

Projeto gráfico, diagramação

Carolina Lorena Coelho

Revisão

Leoney Lopes da Silva

Ilustrações

Produção digital gerada pela inteligência artificial DALL·E (OpenAI), com curadoria e direção artística dos autores.

Este livro constitui Produto Educacional vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí.

Disponível gratuitamente em repositórios educacionais de acesso aberto

Sobre os autores



CAROLINA LORENA COELHO

Mestranda do Programa de Pós - Graduação em Ensino para a Educação Básica, do Instituto Federal Goiano -Campus Urutaí. Possui Especialização em Ensino de Língua Inglesa e Gestão Escolar. Licenciada em Letras -Português e Inglês pela Universidade Estadual de Goiás e Pedagogia pelo Instituto Federal Goiano - Campus Ipameri. Atua como professora de Língua Portuguesa do quadro permanente da Rede Municipal de Ensino desde 2006.



DANIEL VALÉRIO MARTINS

Pós-doutor em História Indígena pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC, Pós Doutor em Inter e Sobreculturalidade pela Universidad Intercultural Indígena de Michoacán, Pós-doutor em Direitos Humanos pela Universidade de Salamanca. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí



FICHA CATALOGRÁFICA

**Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema Integrado de
Bibliotecas do IF Goiano - SIBi**

C672 COELHO, Carolina Lorena
Raízes Peregrinas: Histórias, memórias e tradições dos povos
ciganos contadas em prosa / Carolina Lorena COELHO. Caldas
Novas 2026.
136f. il.
Orientador: Prof. Dr. Daniel Valério Martins.
Produto Educacional (Mestre) - Instituto Federal Goiano, curso
de 0133214 - Mestrado Profissional em Ensino para a Educação
Básica (Campus Urutaí).
1. povos ciganos. 2. Diversidade étnico-cultural. 3. História e
Cultura Cigana. 4. Literatura Infanto-Juvenil. 5. E-book. I.

SUMÁRIO

Sobre os autores	5
Apresentação	1
1_Sim, Eu sou cigano!	11
2_Rom, sinti e calon: chamem-nos de ciganos	18
3_A diáspora: das margens do Ganges para o mundo	26
4_Odisseia cigana: da terra dos sultões às estradas da Europa	34
5_Porrajmos: o devoramento cigano em Birkenau	42
6_Noite dos Ciganos: o massacre final	47
7_Sem pátria, sem porta, sem pouso	53
8_Ciganos no Brasil: exílio e exclusão	57
9_Sob o trovão das correrias: memórias, perseguição e resistência cigana ...	65
10_A saga dos rom no Brasil	70
11 A história não contada do Presidente Juscelino Kubitschek	74
12_Cultura cigana: um mosaico étnico-cultural	79
13_O verbo cigano	84
14_Casamento cigano: honra, tradição e palavra dada	88
15_O legado da família	93
16_“Breganha”: nosso jeito de trabalhar	97
17_A luz do <i>Duvê</i> : espiritualidade na cultura cigana	101
18_Santa Sarah Kalí: a santa padroeira dos ciganos	105
19_Dia Nacional dos Povos Ciganos: dignidade e reconhecimento	110
20_Nossa história não termina aqui	114
Convite à leitura e à diversidade cultural	119
Guia pedagógico	121
Orientações ao professor	122
Guia de leitura e atividades	124
Sobre a construção deste livro	130
Referências bibliográficas	134

Ao povo cigano, que ensinou ao mundo que as fronteiras são invisíveis diante da imensidão do horizonte.

Que este livro honre a poeira das estradas que carregam nos pés e a liberdade que guardam no peito.

Que estas páginas celebrem a coragem de quem faz da jornada o seu destino e da memória o seu legado.

Apresentação



Há histórias que não começam em livros. Começam no caminho, na poeira da estrada, no fogo aceso ao cair da noite, no murmúrio que atravessa gerações. Antes de haver papel, houve o chão. O que se ouve aqui não é o silêncio da ausência, mas a vibração de vozes que nunca pararam de sussurrar sob o sereno, protegidas pela escuridão dos acampamentos. Este livro nasce desse lugar.

“Raízes Peregrinas” é um convite para escutar uma voz que, por muito tempo, foi silenciada. Para enxergar com outros olhos um povo que, apesar das perseguições, nunca deixou de caminhar. É o resgate do que existiu à margem, sustentado pelo fôlego da memória e pelo silêncio da resistência.

A voz que atravessa estas páginas não pede licença nem oferece explicações. Conta. Lembra. Compartilha. Fala de memórias, pertencimento, deslocamentos e permanências. Fala de um modo de existir que resiste ao esquecimento e aos estigmas impostos. Atravessa o tempo.

Este é um livro feito de encontros. Entre passado e presente. Entre quem lê e se reconhece. Entre quem compartilha a dor e quem oferece o acolhimento. Um lugar onde a leitura devolve o que a memória guardou.

As imagens que acompanham a narrativa ilustram a memória e ampliam o significado da palavra, estabelecendo um diálogo onde o

visível e o legível se tornam uma única e inseparável forma de contar o mundo. Guiam o olhar por caminhos que o texto sugere e transformam a leitura em um mergulho profundo entre o que se vê e o que se imagina.

Talvez este livro não ofereça respostas prontas. Talvez traga a chance de escutar. E, ao escutar, perceber que há muitas formas de estar no mundo, muitas maneiras de chamar de lar o lugar onde se pisa. Que ele seja lido com o coração aberto. Que ele gere novas conversas, novas reflexões e novos olhares, fazendo de cada relato um lugar de acolhimento para quem carrega o mundo na bagagem e descobre que o horizonte é o único chão que ninguém pode tirar.

E que cada leitor ou leitora, ao virar a última página, leve consigo o compromisso de olhar para o outro com respeito, com empatia e com o desejo sincero de construir um mundo onde todos, sem exceção, possam viver com dignidade e liberdade.

Seja bem-vindo à roda. A história começa agora.



1

Sim, Eu sou cigano!





O metal da xícara de esmalte está lascado na borda. Há uma cicatriz branca sobre o azul gasto que meus lábios conhecem de cor. O café forte acorda o corpo antes do frio da manhã. Minha mãe caminha pela cozinha em silêncio. Ela não precisa dizer que o dia será longo.

— Bença, mãe.

Ela sorri com os olhos e me entrega um pedaço de bolo embrulhado às pressas para a mochila. Um gesto de carinho fica entre nós.

As mãos ainda marcadas de graxa e o calo espesso de quem lida com ferragens e fios, tocam as páginas do livro de Pedagogia. Sob as unhas, a poeira do trabalho se mistura ao pó das estantes. No corredor, sou o "outro" que conserta as luzes e, depois, o "outro" que ocupa a cadeira na última fila.

Aprendi muito na sala de aula. Mas também aprendi muito ao redor da fogueira, ouvindo os mais velhos contarem histórias que não estavam escritas em papel. Ali, eu guardava cada palavra como quem guarda um segredo.

Não preciso anunciar quem sou. Minha identidade mora na minha pele, nas histórias que ouvi desde pequeno e no jeito de olhar o mundo sem esquecer de onde vim. Nunca neguei minhas raízes nem minha origem humilde. Sou cigano calon¹. No meu sangue correm memórias de estrada, de partidas e recomeços.

Durante muito tempo, meu povo precisou se esconder. Falar menos. Confiar apenas nos seus. Era uma forma de sobreviver. Diziam sobre nós o que era mais fácil dizer. Errantes, velhacos, ladrões. Palavras que machucam. Palavras que não contam a verdade. Palavras

¹ Grupo étnico cigano.

que não nos definem. Temos nomes, famílias, festas, línguas, músicas e lembranças que passam de geração em geração.

Por muito tempo, nossa história não foi escrita em livros. Foi contada na voz dos mais velhos e nas noites em que o fogo iluminava os rostos atentos das crianças. Assim, o que somos atravessou o tempo.

Houve épocas difíceis. Nossos antepassados foram expulsos de lugares, proibidos de falar sua língua e de manter seus costumes. Muitos precisaram recomeçar longe de casa. Nos tempos das correrias² teve gente que não voltou. Teve criança que ficou sem pai, teve mulher que ficou sem marido.

Tentaram nos calar, proibindo nossa língua. Empurraram nossas festas para longe e nossas roupas eram motivo de riso. Nossos costumes eram vistos como ameaça. A ordem era simples e cruel: não sejam vocês. E a cidade repetia essa ordem com placas invisíveis.

Alguns lugares não eram para nós, alguns bancos não eram para nós, alguns olhares não eram para nós. O preconceito tem rosto, tem tom de voz, tem porta fechada na cara e tem risada que fere. Mesmo assim, resistimos.

Eu sou parte dessa resistência. Enfrentei o preconceito, o cansaço e o medo de não ser aceito, mas nunca escondi minhas raízes.

Hoje entro pela porta da frente de uma universidade como aluno. Quero ser professor. Quero que outras crianças aprendam que existem muitas formas de viver, de falar, de celebrar e de sonhar.

² As correrias eram perseguições sofridas pelos ciganos as quais eles tinham que fugir de uma cidade para outra. As perseguições vinham por parte da polícia ou da própria sociedade que obrigavam os povos ciganos a saírem fugidos de seus acampamentos deixando mulheres, crianças, animais e todos os pertences que possuíam para não morrerem, pois eram marcadas por grande violência onde muitos ciganos perdiam suas vidas (Teixeira, 2008).



Quero que ninguém precise ter vergonha de sua origem. A caminhada não é fácil, mas sigo em frente.

É preciso que você entenda de onde venho, antes de contar a minha história. Nossa trajetória atravessa tempos e fronteiras. É feita de perdas e de conquistas, de silêncio e de canto, de feridas e cicatrizes.

Assim como os nossos anciãos contavam histórias nas noites enluaradas ao redor das fogueiras, vou contar como nossas raízes continuam vivas, mesmo depois de tantas estradas. Convido você a embarcar comigo em uma viagem pela memória e pelo tempo, na qual conhecerá a história e a cultura do meu povo. Um passado repleto de resiliência e encantamento, em que cada passo foi marcado pela coragem de um povo que jamais se deixou apagar.³



REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

A narrativa deste capítulo apresenta a construção identitária de um sujeito cigano em confronto com o preconceito, a invisibilização e as barreiras sociais. Ao afirmar “sou cigano”, o narrador se identifica e, ao mesmo tempo,

³ As ilustrações presentes ao longo do livro acompanham a narrativa como elementos de apoio à imaginação e à construção simbólica das cenas descritas, não representando a totalidade da diversidade dos povos ciganos. Essas imagens foram criadas com o auxílio de inteligência artificial DALL·E (OpenAI), exclusivamente para fins ilustrativos. Elas não pretendem representar com precisão histórica ou etnográfica absoluta as vestimentas, feições ou ornamentos ciganos de cada período histórico. Ainda assim, foram elaboradas buscando dialogar com os contextos narrativos apresentados. O livro retrata imagens como estrada, fogueira, mistério, espiritualidade, roupas coloridas, oralidade, liberdade errante. Esses elementos têm força narrativa e pertencem a muitas experiências históricas ciganas, mas devem ser vistas com atenção crítica para que não se transformem em imagens únicas e totalizantes de todos os povos ciganos, portanto não possui a intenção de estereotipar a imagem dos povos ciganos.

reivindica pertencimento, dignidade e reconhecimento diante de uma sociedade marcada por silenciamentos e estigmas historicamente produzidos.

No contexto escolar, esse capítulo permite discutir como identidades minoritárias são muitas vezes reduzidas a estereótipos e como a escola pode atuar tanto na reprodução quanto na superação dessas violências simbólicas. A presença de um estudante cigano na universidade, por exemplo, tensiona imagens cristalizadas que associam os povos ciganos apenas ao nomadismo, à marginalidade ou ao afastamento da escolarização formal.

A experiência narrada não representa a totalidade das vivências ciganas, mas uma trajetória particular, construída a partir de contextos específicos. Ainda assim, o texto abre espaço para refletir o direito à educação, à autoestima cultural e à representatividade. Em sala de aula, pode suscitar debates sobre pertencimento, exclusão, racismo cultural e o papel da educação na construção de sociedades mais justas e pluralistas.



2

*Rom, sinti e calon: chamem-nos
de ciganos*





Talvez você já tenha ouvido muitas histórias sobre nós. Algumas são verdadeiras. Outras nasceram do medo e da imaginação.

Durante muito tempo, fomos vistos como um povo estranho, que morava em barracas e viajava de cidade em cidade. Nosso jeito diferente chamava atenção. As roupas coloridas, os modos de falar e celebrar despertavam curiosidade e, às vezes, desconfiança.

Alguns contam uma lenda antiga que diz que nossos antepassados teriam se recusado a abrigar a Virgem Maria e o Menino Jesus durante uma viagem pelo Egito. Por isso, estaríamos condenados a viver sempre na estrada. É apenas uma história que, por muito tempo, foi usada para explicar nossa vida de viagens. Outros nos culpavam por tudo de ruim que acontecia nas cidades.

Assim nasceu uma imagem negativa para quem não nos conhecia. Somos um povo. Temos cultura, história, língua e costumes próprios. Nossas tradições, muitas vezes ameaçadas pelo preconceito, continuam resistindo à força da ignorância e do tempo.

Ao mesmo tempo em que nos reconhecemos como ciganos, pertencemos a grupos diferentes. Cada qual com sua língua, seus costumes e suas crenças. Somos iguais aos dedos da mão: nenhum é igual. *Calons*, *rom* e *sinti* são os dedos dessa mão que compõem a diversidade de nosso grupo.⁴

⁴ A construção deste capítulo fundamenta-se nos seguintes referenciais teóricos: TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos Ciganos no Brasil**. Recife, PE: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008, p. 65. Frans, Moonem. **Anticiganismo: os Ciganos na Europa e no Brasil**. 3ª Ed. Recife – PE, 2011, p. 13. KARPOWICZ, Débora Soares. **Ciganos História, Identidade e Cultura**. Porto Alegre, Rs: Fi, 2018. 339 p. Disponível em: <https://www.precog.com.br/bc-texto/obras/2019-pack-109.pdf>. Acesso em: 06 maio 2025.



Eu faço parte da família calon. Fomos os primeiros a chegar ao Brasil, vindos da Europa. Viemos trazendo a língua *caló*, que também chamamos de *chibi*. Até hoje, ela guarda palavras que contam quem somos. Ela é guardiã de segredos que só cabe a nós sabermos. Durante muito tempo, os calons ficaram conhecidos por trabalhar com cavalos. Domar, cuidar e negociar faziam parte do nosso cotidiano.

Os rom chegaram ao Brasil bem depois. Entre eles existem diferentes famílias, como os kalderash, conhecidos pelo trabalho com cobre, e outros grupos que mantêm tradições próprias. A língua que os une é o *romani*.

Os sinti que vieram para o Brasil precisaram esconder sua origem por medo do preconceito. Com o tempo, seus caminhos ficaram menos visíveis.

Durante muitos anos, fomos nômades. Mudávamos sempre de cidade em cidade. Às vezes para buscar trabalho e às vezes porque não éramos aceitos. Vivíamos em barracas longe do centro das cidades. Não acumulávamos muitos bens, porque precisávamos estar prontos para partir.

Nem sempre a partida era tranquila. Às vezes era apressada. Viajamos por terras desconhecidas, lutamos contra preconceitos e guardamos nossas tradições, transmitindo de geração em geração nossa identidade.

Hoje, muitos de nós escolheram um chão para chamar de seu, onde as barracas deram lugar às casas de tijolos. Porém, o espírito de comunidade continua o mesmo.



Meus avós me contavam que as noites eram momentos sagrados, em que as histórias ganhavam vida ao redor da fogueira. Sob o céu estrelado, os anciãos contavam lições de sabedoria, lendas e segredos do passado que mantinham viva a alma do povo cigano.

Nesses momentos, eu compreendia que nossa história nunca esteve escrita nos livros, mas cravada na memória de nossos antepassados, transmitida boca a boca, de coração para coração.

Em meio às dificuldades, sobrevivemos. Nas músicas, nos contos, nas festas e nos encontros. A cada passo, aprendemos a transformar o sofrimento em sabedoria e a resistência em arte de viver.

Agora, é hora de contar quem somos pela nossa própria voz.⁵



REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

Este capítulo apresenta a diversidade interna dos povos ciganos e evidencia que não existe uma identidade cigana única e homogênea. Ao diferenciar rom, sinti e calon, a narrativa rompe com simplificações comuns e amplia a compreensão sobre pluralidade cultural, linguística e histórica.

Ao mesmo tempo, convém observar que certos elementos mobilizados no capítulo, como barracas, vida itinerante, cavalos e oralidade, fazem parte de experiências históricas reais, mas também se articulam com imagens difundidas no imaginário social sobre “o cigano”. Por isso, sua leitura em contexto educativo deve ser acompanhada de reflexão crítica, para evitar a cristalização de uma imagem única, pitoresca ou folclorizada desses povos.

⁵ A construção deste capítulo fundamenta-se nos seguintes referenciais teóricos: TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos Ciganos no Brasil**. Recife, PE: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008, p. 65. Frans, Moonem. **Anticiganismo: os Ciganos na Europa e no Brasil**. 3ª Ed. Recife – PE, 2011, p. 13.

A escola pode utilizar este capítulo para trabalhar a ideia a diversidade existente no interior dos próprios povos ciganos, mostrando que grupos sociais não são blocos fixos nem culturalmente uniformes. A abordagem também favorece o questionamento de estereótipos e a compreensão de que as identidades se transformam ao longo do tempo, em contato com mudanças históricas, sociais e territoriais.



3

*A diáspora: das margens do
Ganges para o mundo*





Nosso passado sobreviveu apenas nas histórias que foram contadas por nossos antepassados e pelos povos que viam nossas caravanas passar. Assim como somos envolvidos pela fumaça do mistério e do misticismo, assim é a nossa trajetória.

Nossa caminhada começou muito longe daqui.⁶

Por muitos séculos, atravessamos terras, enfrentamos dificuldades e celebramos alegrias. Cada migração trazia a esperança de um novo recomeço, e cada despedida trazia a promessa de reencontros. Mantivemos viva nossa língua, nossas músicas e nossos costumes. Mesmo quando o mundo dizia que não havia lugar para nós, continuamos existindo.

Durante muito tempo, ninguém sabia ao certo de onde viemos. Alguns acreditavam que nossa origem estava no Egito. Outros diziam que éramos descendentes de uma tribo perdida de Israel. Essas histórias circularam por gerações, até que estudiosos perceberam que muitas palavras da língua romani se assemelhavam com as faladas na Índia. Essa semelhança permitiu compreender que nossos antepassados vieram daquela região há muitos séculos.

Somos descendentes de um povo que vivia no vale do rio Ganges, na região de Kannauj. Ali, nossos ancestrais eram artesãos, músicos e conhecedores do trabalho com metais. Sabiam lidar com bronze, domar animais e tocar instrumentos musicais.

⁶ Este capítulo está fundamentado na seguinte referência:
LAMANIT, Elisabeth Clanet dit. Teorias em debate sobre a origem dos ciganos. In: GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; TOYANSK, Marcos; OLIVEIRA, Luciana de (orgs.). **Ciganos: olhares e perspectivas**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. p. 65-75.



Porém o destino os arrancou de sua terra natal, lançando-os numa jornada sem fim, na qual seriam ora peregrinos, ora prisioneiros, ora lendas de um mundo que se recusava a compreendê-los.

No século XI, quando grandes impérios disputavam poder, exércitos turcos invadiram a região. O reino de Kannauj foi conquistado. Muitos homens, mulheres e crianças foram arrancados de suas casas e levados como prisioneiros para outras terras, como a Pérsia e a Anatólia. Entre os prisioneiros estavam aqueles que manejavam o fogo e o aço e domavam animais de combate, cujo conhecimento seria útil ao exército turco.

Longe de casa, tiveram que aprender a sobreviver. Guardaram suas lembranças na música, nas histórias e nas palavras que continuaram a falar entre si. Com o tempo, passaram por diferentes regiões. Conheceram novos povos, novas línguas e novos costumes. Nesse período, nossos antepassados foram se moldando como povo, absorvendo traços de diferentes culturas, línguas e tradições. Nossa identidade foi se formando nesse turbilhão de trocas e caminhos cruzados.

À medida que os séculos se passavam, alguns conseguiram alforria e se aventuraram por caminhos desconhecidos, onde reis e príncipes olhavam com receio para aqueles peregrinos de pele queimada pelo sol e olhos que refletiam segredos ancestrais.

Espalharam-se por terras do antigo Império Bizantino, na região da atual Turquia. Alguns viveram em cidades daquela região, e outros seguiram até a Europa.

Nem sempre foram recebidos com confiança. Eram vistos como estrangeiros andarilhos, porém, continuaram seguindo seu caminho.



Assim começou a longa diáspora do nosso povo. Uma jornada que atravessou continentes, forjou nossa identidade e marcou nossa trajetória.



REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

Este capítulo apresenta uma reconstrução histórica e cultural da origem e dispersão dos povos ciganos, articulando tradição narrativa e conhecimentos produzidos por estudos linguísticos e históricos. O tema favorece a compreensão dos processos migratórios e da formação histórica desses povos.

Convém lembrar, contudo, que as narrativas sobre a origem e o deslocamento dos povos ciganos não se apoiam em uma explicação única. Resultam de investigações acadêmicas, cruzamentos linguísticos, registros históricos e interpretações voltadas à compreensão de trajetórias diversas. Por isso, o capítulo deve ser lido como uma aproximação histórica fundamentada, e não como uma versão definitiva ou fechada.

No espaço escolar, o texto pode sustentar discussões sobre migrações, deslocamentos forçados, formação identitária e interculturalidade. Também permite mostrar que a história de um povo não se constitui apenas por documentos escritos, mas igualmente por memórias, oralidades e saberes preservados coletivamente.





4

*Odisseia cigana: da terra dos
sultões às estradas da Europa*





Da terra dos sultões às montanhas dos Balcãs, os caminhos se abriram. Aos poucos, nossos antepassados chegaram às terras gregas e seguiram rumo à Europa Ocidental a partir do século XV.

Apresentavam-se como peregrinos. Eram considerados exóticos por causa da sua pele escura, da sua aparência diferente e do modo de viver. Em cada lugar por onde passaram, deram a eles um nome diferente. Chamavam-nos de “*egitanos*”, “*zigeuner*”, “*gitanos*” e, mais tarde, ciganos.

Diziam cumprir penitência. Por um tempo, foram recebidos com curiosidade e até com certa hospitalidade. Mas essa acolhida não durou por muito tempo.

As boas-vindas logo se transformaram em repulsa. Passaram a associá-los a roubos e à mendicância que aconteciam nas cidades. Os reis e nobres, que antes lhes concediam salvo-condutos,⁷ começaram a persegui-los. Foram açoitados em praça pública. Com asco e repugnância, eram expulsos das cidades e enviados para terras distantes.

Em Portugal e na Espanha, não tinham escolha: ou negavam sua cultura ou eram expulsos. Muitos que resistiram a manter suas tradições foram condenados e mandados para as colônias ultramarinas.

⁷ Salvo-condutos eram documentos oficiais emitidos por autoridades (reis, governantes, comandantes militares) que garantiam a segurança, livre trânsito e proteção contra prisão ou danos a pessoas, navios ou mercadorias ao passarem por zonas de conflito, fronteiras ou territórios estrangeiros. Funcionavam como uma salvaguarda, passaporte ou imunidade temporária em situações de risco ou diplomacia.



Nos territórios da Romênia e Moldávia, a situação foi ainda mais dura. Durante séculos, grupos rom-kalderash foram mantidos como escravos por nobres e reis. Eram comprados e vendidos como mercadorias, obrigados a trabalhar sem liberdade. Seu sofrimento era estampado nos rostos cansados, marcados pelo abandono e pela miséria. As mulheres eram oprimidas pelos proprietários, e seus filhos herdavam a servidão.

No entanto, o vento da liberdade começava a soprar. Entre 1837 e 1856, começaram a surgir leis que concediam liberdade ao nosso povo. O processo culminou na abolição da escravidão em 1864. Contudo, o peso do passado permanece. Seus descendentes ainda carregam as cicatrizes de quase quinhentos anos de cativeiro. Marcas de um tempo que muitos tentam deixar para trás.

Quando as correntes da escravidão foram quebradas, nossos antepassados pensavam que encontrariam a liberdade, mas esta possui muitas faces, e a deles veio acompanhada de fome e miséria. Sem terra para cultivar e sem permissão para exercer seus ofícios, muitos voltaram à estrada, fugindo da marginalização e da pobreza. Partiram rumo à Europa Ocidental, buscando refúgio em países como Alemanha, Holanda e França.

Nem sempre eram bem recebidos. Havia desconfiança. Para onde quer que fossem, sempre encontravam um olhar desconfiado, um dedo apontado e uma porta que se fechava antes que pudessem bater.

Havia leis que os impediam de ir e vir. Em alguns lugares, seus nomes eram registrados pelas autoridades como forma de controle. Só o fato de existirem já era considerado um crime.⁸

⁸ As informações do capítulo 4 sobre a trajetória histórica cigana na Europa estão fundamentadas na pesquisa de Frans Moonem: **Anticiganismo: os Ciganos na Europa e no Brasil**. 3ª Ed. Recife – PE, 2011, p. 23 – 65.



E então veio o tempo mais sombrio de todos, a Segunda Guerra Mundial e uma perseguição ainda mais dura aos povos romani⁹. Meus antepassados chamavam aquele tempo de *Porrajmos*, que em romani quer dizer “devoramento”, pois não bastava exterminá-los fisicamente, era preciso apagar sua história.¹⁰



REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

As perseguições, expulsões e violências descritas neste capítulo evidenciam que a história dos povos ciganos na Europa foi marcada por processos sistemáticos de exclusão. Leis restritivas, estigmatização e criminalização não foram episódios isolados, mas mecanismos recorrentes de controle social.

Ao trabalhar esse conteúdo, convém evitar que a narrativa seja lida apenas como uma sucessão de sofrimentos desconectados do presente. A exclusão histórica dos povos ciganos tem continuidade em práticas contemporâneas de preconceito, discriminação e negação de direitos. Assim, o capítulo permite discutir intolerância, xenofobia, racismo cultural e a produção histórica de desigualdades.

Do ponto de vista pedagógico, o texto amplia a compreensão de que a história europeia e brasileira também foi construída por grupos frequentemente invisibilizados pelos currículos escolares. Ao incorporar essas experiências, o livro favorece uma educação histórica mais plural e comprometida com os direitos humanos.



⁹ Romani: Termo que designa o conjunto de populações historicamente conhecidas como "ciganos", abrangendo diversos grupos étnicos e linguísticos (como os roma, sinti e calon) que compartilham uma origem comum no noroeste do subcontinente indiano.

¹⁰ Guimarães, Marcos Toyansk Silva. O extermínio de ciganos durante o regime nazista. **Revista História e Perspectivas**, p. 349-359, jan./jun. 2015.



5

*Porrajmos: o devoramento
cigano em Birkenau*





Sob a bandeira do Terceiro Reich,¹¹ os povos ciganos foram considerados impuros, indesejados e uma ameaça à "ordem racial" que os nazistas buscavam impor. Durante a Segunda Guerra Mundial, o regime nazista decidiu que nós, assim como os judeus, não merecíamos viver.

O genocídio dos povos romani, conhecido como *Porrajmos*, foi uma das faces mais cruéis do extermínio promovido pelo regime nazista. Como “raça inferior”, milhares de homens, mulheres e crianças foram levados para Auschwitz-Birkenau, onde existia uma ala destinada aos grupos ciganos.

Em 1937, o médico Robert Ritter defendia a ideia perversa de que os ciganos deveriam ser esterilizados, depois confinados e, por fim, exterminados. Essa falsa teoria ajudou a justificar perseguições cada vez mais violentas. Em dezembro de 1942, Heinrich Himmler ordenou a deportação de ciganos alemães para Auschwitz-Birkenau, onde uma seção especial do campo foi destinada a essa população.

Em Birkenau, milhares de ciganos foram aprisionados em condições desumanas. Sem água, sem comida, sem o direito de existir, ali definharam. Muitos morreram por doenças e pela fome. Outros foram submetidos a experimentos científicos conduzidos por médicos nazistas.

Aqueles que não sucumbiam à doença ou à fome eram mantidos apenas até que sua utilidade se extinguisse. Então, crianças, mulheres e

¹¹ O Terceiro Reich (1933-1945) foi o regime totalitário nazista liderado por Adolf Hitler na Alemanha, caracterizado por uma ditadura de partido único, racismo institucionalizado e expansionismo militar. Estabeleceu um estado policial que iniciou o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial, visando a supremacia da "raça ariana" e a perseguição de minorias.

anciãos foram jogados nas câmaras de gás. Dos 23 mil romani levados para Auschwitz, apenas três mil sobreviveram.¹²



REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

Este capítulo aborda o genocídio dos povos ciganos durante o regime nazista, episódio ainda pouco conhecido em comparação a outras memórias da Segunda Guerra Mundial. Ao nomear o Porrajmos, a narrativa rompe o silêncio histórico em torno desse extermínio.

A abordagem do capítulo exige, no entanto, mediação pedagógica cuidadosa. O tema envolve violência extrema, racismo de Estado e violação massiva de direitos humanos. Por isso, seu trabalho em sala de aula deve considerar a faixa etária dos estudantes, o contexto emocional da leitura e a necessidade de contextualização histórica.

Mais do que apresentar dados de violência, o capítulo permite discutir como ideologias racistas constroem a desumanização de grupos inteiros. Também permite refletir sobre a memória como forma de resistência e sobre o papel da educação na prevenção de novas formas de intolerância e barbárie.



¹² A escrita deste capítulo apoiou-se nos estudos de: MOONEN, Frans. **Anticiganismo: os Ciganos na Europa e no Brasil**. 3ª Ed. Recife – PE, 2011, pg. 65-72; GUIMARAIS, Marcos Toyansk Silva. O extermínio de ciganos durante o regime nazista. **Revista História e Perspectivas**, p. 349-359, jan./jun. 2015; VALE, Lucas Medeiros de Araújo. **A última canção de Birkenau (RPG): desenvolvimento de um Role-Playing Game sobre o genocídio cigano para o ensino de História**. 2023. 105f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Inovação em Tecnologias Educacionais) – Instituto Metrópole Digital, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2023.



6

*Noite dos Ciganos: o massacre
final*





Na noite de 2 de agosto de 1944, um silêncio sombrio pairava sobre Birkenau. O massacre final ocorreu naquele dia, que ficou conhecido como a "Noite dos Ciganos", quando os últimos prisioneiros do chamado "campo dos ciganos" foram levados à força para as câmaras de gás.

Dentro dos barracões, 4.000 almas já estavam desgastadas pela fome e pela doença. Homens, mulheres, idosos e crianças sentiam que o tempo lhes escapava. Tinham ouvido os rumores e visto os caminhões que partiam sem volta.

Os nazistas não queriam apenas eliminar; queriam também ironizar sua partida. Com sua frieza, preparavam a última fase do extermínio. O oficial Broad organizou uma orquestra composta por prisioneiros ciganos dentro do campo de concentração. O concerto foi, na verdade, uma armadilha mortal. Os prisioneiros ciganos tocaram suas últimas notas, acreditando que, talvez, pudessem ter um instante de dignidade.

Durante a apresentação, os nazistas decretaram um toque de recolher repentino e, sob essa justificativa, centenas de ciganos foram retirados à força e levados diretamente para as câmaras de gás. Alguns tentaram resistir, mas foram massacrados.

O ar encheu-se de gritos e, depois, de silêncio. A música, que por um instante trouxe alívio às almas aprisionadas, tornou-se o prelúdio de sua destruição. Quando tudo terminou, os nazistas confiscaram os instrumentos da orquestra, negando aos sobreviventes a possibilidade de chorar sua dor em forma de canção.

Ao final da guerra, estimava-se que entre 250 e 500 mil ciganos haviam sido assassinados na Europa. Seu genocídio, no entanto, permaneceu oculto no tempo, esquecido entre os relatos da barbárie

nazista. Nenhuma compensação lhes foi dada, nenhuma justiça lhes foi feita.

Entre os sobreviventes e seus descendentes, a lembrança dessa barbárie nunca se perdeu. Lembrar tornou-se uma forma de resistência. Hoje, ao falar do *Porrajmos*, não buscamos apenas recordar a dor, mas garantir que o silêncio não volte a encobrir o que aconteceu. Porque conhecer essa história é também um passo para que ela nunca mais se repita.¹³



REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

Este capítulo intensifica a dimensão humana do genocídio cigano ao focalizar um episódio específico de extermínio. A força literária da narrativa mobiliza emoções e pode provocar impacto profundo no leitor, o que requer mediação crítica no trabalho pedagógico.

A escola não deve tratar esse tipo de conteúdo apenas como relato trágico, mas como oportunidade de reflexão sobre os efeitos do racismo, da desumanização e do silêncio histórico. Ao mesmo tempo, convém cuidar para que a dor não seja consumida como espetáculo; ela precisa ser compreendida como parte de uma memória coletiva que demanda reconhecimento e respeito.

No contexto educacional, esse capítulo pode contribuir para discussões sobre memória, luto, justiça histórica e direitos humanos. Ele também amplia

¹³ A escrita deste capítulo apoiou-se nos estudos de: MOONEN, Frans. **Anticiganismo**: os Ciganos na Europa e no Brasil. 3ª Ed. Recife – PE, 2011, pg. 65-72; GUIMARAIS, Marcos Toyansk Silva. O extermínio de ciganos durante o regime nazista. **Revista História e Perspectivas**, p. 349-359, jan./jun. 2015; VALE, Lucas Medeiros de Araújo. **A última canção de Birkenau (RPG)**: desenvolvimento de um Role-Playing Game sobre o genocídio cigano para o ensino de História. 2023. 105f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Inovação em Tecnologias Educacionais) – Instituto Metrópole Digital, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2023.

a necessidade de incluir, nos currículos, histórias que foram apagadas ou minimizadas pelos relatos oficiais.





7

Sem pátria, sem porta, sem pouso





Quando a guerra terminou, muitos acreditaram que a perseguição também acabaria. Porém, não foi o que aconteceu. Em vários países da Europa, continuávamos sendo vistos como estrangeiros, mesmo vivendo ali há gerações. O preconceito não desapareceu. Em alguns lugares, havia dificuldades para conseguir moradia, trabalho e acesso a serviços básicos.

No final do século XX, com a crise e o fim de governos no Leste Europeu, muitas famílias ciganas buscaram abrigo em outros países, fugindo da miséria e da violência. Esperavam encontrar segurança. No entanto, as portas estavam fechadas. Nem sempre encontraram acolhimento.

Alguns conseguiram se estabelecer, construir casas, colocar os filhos na escola. Outros enfrentaram deportações e expulsões. Aqueles que tentaram ficar, viram seus lares queimados e suas famílias atacadas por grupos que não queriam vê-los ali.

Em muitos países, não podíamos trabalhar, não podíamos estudar, não podíamos sequer parar para descansar sem que a polícia nos expulsasse. Ainda hoje, muitos povos romani vivem sem documentos, sem direitos, sem um lugar para chamar de seu.

Apesar de tudo, seguimos existindo. Sobrevivemos às guerras, às expulsões e às proibições. Não porque a estrada fosse fácil, mas porque aprendemos a seguir. Nossas tradições resistem, nossas músicas ainda tocam, e nossos pés continuam trilhando os caminhos que nossos antepassados abriram antes de nós.

Somos filhos da estrada e, enquanto houver uma trilha sob as estrelas, nossa jornada continuará a ser contada.

A caminhada ainda não terminou.¹⁴



REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

As situações descritas neste capítulo mostram que o fim da guerra não significou o fim da exclusão. A persistência do preconceito, da falta de acesso a direitos básicos e das dificuldades de acolhimento evidencia que a marginalização dos povos ciganos ultrapassa os grandes eventos históricos e se prolonga em estruturas sociais contemporâneas.

Esse conteúdo permite discutir cidadania, documentação civil, acesso a trabalho, moradia e educação. Também favorece a reflexão sobre a diferença entre reconhecimento formal e inclusão real. Com frequência, grupos historicamente discriminados seguem sendo tratados como estrangeiros em seus próprios territórios.

Na escola, o capítulo pode ajudar os estudantes a compreender que desigualdades não são naturais, mas produzidas historicamente. Ao mesmo tempo, mostra que resistência não significa ausência de sofrimento, e sim capacidade de seguir existindo diante de estruturas hostis.



¹⁴ Os achados históricos deste capítulo estão fundamentadas nos estudos de Frans Moonen: **Anticiganismo**: os Ciganos na Europa e no Brasil. 3ª Ed. Recife – PE, 2011, p. 87-108.

8

*Ciganos no Brasil: excílio e
exclusão*





Nossos antepassados começaram a chegar ao Brasil a partir do século XVI, quando a Coroa Portuguesa passou a expulsar os calons de Portugal. Abandonar nossas raízes e nossa identidade não era mais o suficiente. Muitos eram enviados como degredados para as colônias. Ser cigano já era motivo suficiente para punição. Nosso sangue cigano nos condenava ao trabalho nas galés¹⁵ ou ao exílio em terras distantes, bem longe da nossa Índia-Mãe.

João de Torres, em 1574, e sua família foram os primeiros, como viajantes forçados, a cruzar o oceano, marcando o início de uma jornada incerta e difícil. Porém, não se sabe se conseguiram, de fato, pisar em solo brasileiro ou se aqui permaneceram.

A vida nômade e os estigmas que carregavam, associados ao crime e à desordem, fizeram com que meu povo fosse afastado das áreas de maior prosperidade e empurrado para regiões distantes, onde o controle sobre seu modo de vida nômade começou.

Nos séculos XVII e XVIII, as deportações para o Brasil aumentaram. A cena de grupos ciganos sendo levados acorrentados aos olhos dos espectadores mostrava claramente o empenho da Coroa Portuguesa em impor o controle sobre a sociedade. Famílias calon foram enviadas principalmente para as capitanias do Rio de Janeiro, Maranhão e Bahia. Ao chegarem, enfrentaram suspeitas e restrições. Eram vistos como desordeiros, ladrões e criminosos.

¹⁵ As galés eram embarcações longas e estreitas, que funcionavam com remos (principalmente) e velas (para auxílio). Foram muito importantes como navios de guerra e também para a navegação comercial, sendo a principal forma de transporte marinho na época. A sua utilização foi predominante até o desenvolvimento da navegação oceânica no século XVI.



As autoridades frequentemente os acusavam de crimes e desordem, mesmo sem provas consistentes. Leis locais limitavam sua circulação e dificultavam sua permanência nas cidades. A ordem era mantê-los sempre em movimento.

Com a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, em 1808, os ciganos tornaram-se mais visíveis no Rio de Janeiro. Por um curto período, seu modo de vida livre e diferente chamou a atenção dos nobres que aqui vieram. Alguns passaram a se destacar no comércio de escravos e cavalos na cidade. No entanto, essa aceitação logo se desfez.

A figura do cigano, antes vista com certo encanto pela liberdade que representava, voltou a ser temida. Os calons continuaram a ser vistos com insegurança, como quem jamais se adaptaria ao mundo não cigano. A imagem do cigano seguia cercada de preconceitos.

Com o fim do tráfico de escravos e as mudanças econômicas do século XIX, muitos ciganos precisaram buscar novas formas de sustento. Dedicaram-se ao comércio ambulante de animais e mercadorias.

Apesar dessas mudanças, nossos antepassados continuaram a carregar o peso da perseguição, sempre à mercê de olhares suspeitos e de uma sociedade que os marginalizava. A sombra do preconceito os seguia a cada passo, traçando uma marca inapagável em sua história.

O tráfico e o comércio de escravos perduraram por muitos anos. A escravidão dos negros foi desumana e imoral. Arrancados de suas terras, seus destinos eram selados pela violência.



Em meio a esse mundo marcado pela exploração, alguns ciganos também participaram do comércio de escravos. A história guarda, assim, uma amarga contradição: um povo que conheceu o exílio, a perseguição e o cativo acabou inserido em um sistema que também produzia sofrimento para outros.¹⁶



REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

Este capítulo insere os povos ciganos na história do Brasil, desmontando a ideia de que sua presença seria periférica ou recente. Ao mesmo tempo, mostra que essa presença foi atravessada por deportações, suspeitas, vigilância e marginalização.

A leitura crítica do capítulo deve considerar que os estigmas atribuídos aos povos ciganos foram socialmente produzidos e historicamente reforçados por leis, práticas institucionais e discursos de controle. Assim, a exclusão não deve ser interpretada como consequência de uma suposta “natureza” cigana, e sim, como resultado de relações de poder.

A menção à participação de alguns ciganos no sistema escravista também é importante e deve ser preservada, pois evita idealizações simplificadoras. Ela mostra que grupos historicamente perseguidos também podem se inserir em estruturas violentas. Com isso, o texto sustenta, uma leitura histórica menos romantizada e mais comprometida com a crítica social.



¹⁶ Os dados histórico sobre ciganos no Brasil deste capítulo estão fundamentados na obra de Rodrigo Teixeira: **História dos Ciganos no Brasil**. Recife, PE: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008 p. 5-76.



9

*Sob o trovão das correrias:
memórias, perseguição e resistência
cigana*





Nas montanhas de Minas Gerais, o estrondo das “correrias” soava como trovão, e os ciganos, como aves assustadas, eram expulsos e perseguidos. As emboscadas vinham como tempestades sem aviso, pegando todos de surpresa. A violência e os tiroteios os espantavam para longe, deixando mulheres e crianças para trás.

A polícia, aos gritos, arrastava os grupos ciganos sem piedade, dividindo famílias, levando-os ao nada e a destinos incertos. As barracas eram deixadas vazias, e os poucos bens que restavam eram confiscados. Crianças e idosos eram levados, em meio a um silêncio que sufocava qualquer apelo por justiça. Era um pesadelo que se repetia. A perseguição e a fuga deixavam um vazio profundo, como se a história do nosso povo fosse uma chama que o vento do medo tentava apagar.

Nas cidades mineiras, a vida não era mais do que um jogo de esconderijo. O povo cigano se acomodava nas periferias. As leis municipais regulavam cada passo que os ciganos podiam dar. O comércio ambulante de cavalos e mulas tornou-se a única fonte de sustento, porém alimentava suspeitas. A sociedade, que os via com olhos de julgamento, os acusava de desonestidade e de desordem.

Mesmo diante dessas dificuldades, nossos antepassados preservaram sua cultura. A língua, as histórias contadas ao redor do fogo, os ofícios tradicionais e as celebrações mantiveram viva nossa identidade.

E assim, quando o século XIX avançava, a intolerância se intensificava. As perseguições tornaram-se mais frequentes e violentas. As correrias eram um movimento interminável de fugas, dispersões e marcas de sangue deixadas nas ruas. A ideia de uma sociedade “civilizada”, que rejeitava o errante, se impôs com mais força. Nossas danças, músicas e modos de viver passaram a simbolizar, para muitos,

tudo aquilo que deveria ser rejeitado. Éramos vistos como obstáculo ao progresso.

Com todas as dificuldades, nossa essência não se perdeu. Adaptamo-nos às circunstâncias, encontrando outras formas de viver, mesmo quando o mundo queria nos sucumbir. O trabalho de caldeireiro, a leitura da sorte, as histórias contadas à luz do fogo, tornaram-se refúgio e continuidade. Aquilo que nos definia não podia ser apagado.

Hoje, nossa história nesse chão é a história de um povo que se recusa a desaparecer. Seguimos, apesar dos ventos adversos. Nunca deixamos de ser livres. Somos aqueles que olham para o horizonte e, com o coração cheio de esperança, sabem que o vento do preconceito, mesmo quando forte, jamais poderá apagar a chama de nossa identidade.¹⁷



REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

As “correrias” descritas neste capítulo evidenciam formas de violência institucional e social praticadas contra grupos ciganos em território brasileiro. O tema permite compreender como preconceito, medo e repressão se converteram em perseguição concreta, afetando famílias, territórios e memórias.

No espaço escolar, o texto pode ser utilizado para discutir violência policial, marginalização de grupos minoritários, direito ao território e produção de memórias coletivas. Também convém assinalar que resistência,

¹⁷ Os dados histórico sobre ciganos no Brasil deste capítulo estão fundamentados na obra de Rodrigo Teixeira: **História dos Ciganos no Brasil**. Recife, PE: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008 p. 5-76.

nesse caso, não significa permanência imutável de uma essência, e sim, capacidade de reinvenção diante das violências sofridas.



10

Asaga dos rom no Brasil





Muito antes da imigração maciça dos rom para o Brasil, a partir da década de 1830, os primeiros passos de sua jornada já haviam pisado em terras mineiras. Jan Nepomusky Kubitschek chegava a Minas Gerais. Dentre seus descendentes, muitos anos depois, surgiria um nome conhecido em todo o país, Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil.¹⁸ Naquele tempo, porém, sua chegada era apenas o início discreto de uma história que ainda estava sendo construída.

Foi a partir da segunda metade do século XIX que grupos maiores de ciganos rom passaram a chegar ao Brasil, vindos de muitos países da Europa: Alemanha, Itália, Balcãs e Europa Central. Traziam, além de suas malas, lembranças, tradições e modos de viver. Chegavam junto com outros imigrantes europeus, todos em busca de trabalho, abrigo e novas possibilidades.

Mas a terra que encontraram nem sempre foi acolhedora. Para fugir da repressão e da desconfiança, muitos rom se esconderam nas sombras, ocultando sua verdadeira identidade com passaportes falsos. Apresentavam-se como russos ou poloneses, evitando a vigilância das autoridades.

Os rom que chegaram nessa época se fixaram principalmente em Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, espalhando-se posteriormente por outras regiões. Carregavam consigo suas tradições. O comércio ambulante, as artes circenses e o adestramento de animais exóticos garantiam seu sustento. Suas apresentações circenses e suas danças despertavam curiosidade e desconfiança.

¹⁸ Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902–1976), conhecido popularmente como JK, foi um médico e político brasileiro que serviu como o 21º Presidente do Brasil entre 1956 e 1961. Sua marca mais icônica foi a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para o Planalto Central, Brasília.

O mundo que os cercava temia-os, e as autoridades, em sua constante vigilância, os tratavam como uma ameaça à ordem. Para os rom, essa era apenas mais uma estrada marcada pela perseguição e pela luta silenciosa por um espaço que parecia sempre lhes ser negado. Ainda assim, seguiram viagem. Adaptaram-se, aprenderam novos caminhos e encontraram outras formas de sustento. Mesmo quando precisaram silenciar sua identidade para sobreviver, continuaram preservando suas histórias dentro das famílias, transmitindo saberes de geração em geração.¹⁹



REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

Este capítulo amplia a compreensão sobre a presença dos rom no Brasil, ao expor estratégias de adaptação, ocultamento identitário e busca por sobrevivência. A narrativa evidencia como a repressão e a desconfiança social levaram muitos sujeitos a esconderem sua origem como forma de proteção.

Esse aspecto é pedagogicamente importante porque mostra que a invisibilidade nem sempre corresponde à ausência; em muitos casos, constitui uma estratégia diante do preconceito. O texto também ajuda a desconstruir a ideia de que identidades culturais se manifestam sempre de forma aberta e visível.

No trabalho em sala de aula, é possível discutir sobre migração, documentação, pertencimento, assimilação forçada e os efeitos do preconceito sobre a expressão identitária. O texto ainda permite refletir que preservar a cultura nem sempre implica reproduzir externamente todos os seus traços, podendo envolver silêncios, adaptações e negociações.



¹⁹ Os dados histórico sobre os grupos roma no Brasil neste capítulo estão fundamentados na obra de Rodrigo Teixeira: **História dos Ciganos no Brasil**. Recife, PE: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008 p. 5-76.

11

*A história não contada do
Presidente Juscelino Kubitschek*





Por trás das páginas da história que nos é contada, há sempre capítulos silenciados. Verdades que, muitas vezes, se perdem nas sombras do tempo. A história do meu povo raramente é escrita com a mesma atenção que se dá aos heróis tradicionais ou aos grandes nomes que fizeram parte da história do Brasil.

E, no entanto, nas entrelinhas dessa história invisível, encontramos Jan Kubitschek, um cigano rom que, embora tenha permanecido escondido, carregou consigo as marcas de um povo. A história de Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil, é apenas um dos muitos exemplos de como nós, ciganos, apesar do esquecimento histórico, continuamos a fazer parte do tecido social brasileiro, carregando uma história que merece ser lembrada.

Jan Nepomusky Kubitschek, um nome que, por trás das cortinas da história, carrega o segredo de um legado cigano. Chegou ao Brasil por volta de 1830, vindo da Boêmia, trazendo uma herança que se entrelaçaria com os destinos de um país. Ao chegar a Minas Gerais, estabeleceu-se nas cidades do Serro e de Diamantina, passando a ser conhecido como João Alemão. Sua vida parecia simples e discreta, como a de tantos outros imigrantes que buscavam trabalho e estabilidade.

Em Diamantina, João Alemão casou-se com Teresa Maria de Jesus, uma brasileira, selando o início de uma linhagem que ficaria marcada na história do Brasil. Seus filhos, João Nepomuceno Kubitschek e Augusto Elias Kubitschek, cresceram já integrados à sociedade mineira. A vida cigana que seus antepassados viveram na Europa foi se transformando com o passar das gerações. João Nepomuceno tornou-se um político de destaque, enquanto Augusto, com recursos limitados, buscou seu sustento nas ruas de Diamantina, longe das tendas e mercados ambulantes.

E foi dessa linhagem que o nome Kubitschek, até então uma simples lembrança de um cigano que buscava sua fortuna nas serras de Minas, ganharia uma grandeza inesperada. O neto de João Alemão, Juscelino Kubitschek, mais conhecido como "JK", tornou-se presidente do Brasil. Um homem que, com sua visão e coragem, construiu a capital Brasília, deixando sua marca na história. Um cigano, ou ao menos um descendente de ciganos, havia chegado ao topo, desafiando a invisibilidade e a marginalização que sempre acompanhavam seu povo.

A história de Juscelino é um lembrete de que o destino, com seus caminhos tortuosos e imprevisíveis, pode transformar até os vestígios de um passado oculto em símbolos de poder e sucesso. O cigano que cruzou o Atlântico em busca de uma vida melhor, talvez em solidão, longe de sua comunidade, viu seus descendentes quebrando barreiras sociais, ascendendo a um lugar onde muitos acreditavam que os filhos de ciganos nunca chegariam.

A trajetória de JK mostra que a presença cigana, ainda que muitas vezes pouco mencionada, também faz parte da história do país. Reconhecer essas raízes significa ampliar o olhar sobre quem ajudou a construir o Brasil.²⁰



²⁰ Os dados histórico contidos neste capítulo estão fundamentados na obra de Rodrigo Teixeira: **História dos Ciganos no Brasil**. Recife, PE: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008 p. 5-76.

REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

Este capítulo amplia o olhar sobre a presença cigana na história brasileira a partir de uma linhagem familiar associada a Juscelino Kubitschek. Seu interesse reside em tensionar o apagamento histórico, ao indicar que trajetórias ciganas podem estar presentes em espaços de grande relevância nacional.

No entanto, essa abordagem exige cuidado crítico. O objetivo do texto não deve ser a construção de um mito identitário, nem a afirmação absoluta de uma verdade histórica incontestável; seu alcance está em abrir possibilidades de leitura sobre trajetórias frequentemente negligenciadas.

No contexto pedagógico, o capítulo pode sustentar discussões como certas sob processos sob os quais certas histórias são legitimadas e outras permanecem silenciadas. Também favorece a reflexão sobre a pluralidade de origens que compõem a história do Brasil e sobre a ampliar as referências históricas para além das narrativas oficiais.



12

*Cultura cigana: um mosaico
étnico-cultural*





No Brasil, nossa identidade se construiu em meio a muitas culturas. A presença de tantas etnias nesse mosaico cultural sempre despertou curiosidade e instiga nossa imaginação a querer compreender como tantos desses povos conseguem preservar suas tradições ao longo do tempo.

Nesse tecido bordado com fios de muitos povos, línguas e memórias, encontram-se os povos ciganos que mantêm acesa a chama de suas tradições. Mesmo que nossa história ainda seja um mistério para muitos, há algo que não se discute: nossa presença espalhada pelos quatro cantos do país. É em nossas raízes e tradições que o tempo se curva, e mesmo o novo, aprende a andar de mãos dadas com o antigo.

Entre nós há muitas famílias: rom, sinti, calon. Cada qual com seu jeito próprio de vestir, de falar e de viver. Cada um com seu caminho e sua história. Alguns seguem a estrada, como os ventos que mudam de direção. Outros, fincam morada em bairros, em casas de tijolos. Mesmo sem a estrada sob nossos pés, carregamos nossa essência cigana. Apenas trocamos o caminho de terra por outro tipo de chão. O que importa é que o espírito cigano não muda.

Somos muitos espalhados pelo Brasil. Nesse chão, carregamos histórias de acampamentos, de lutas e de festas. Em centenas de cidades brasileiras há comunidades ciganas, algumas mais visíveis, outras mais discretas. Onde houvesse uma fogueira acesa, uma roda de conversa ou um sorriso carregando lembrança, ali havia um cigano.

Aprendemos a nos adaptar aos lugares onde vivemos. Em contato com outras culturas, incorporamos novos elementos, no entanto, preservamos aquilo que consideramos essencial. Por mais que fôssemos como retalhos de culturas, em que cada família, com sua estampa, desse forma à colcha por inteiro, era justamente essa mistura que nos mantinha unidos.

Cada cor, cada ponto bordado com sua história, fazia parte de um mesmo pano. O pano da nossa identidade, costurado com memória, resistência, tradição e orgulho de ser cigano.

Os casamentos, as festas, as roupas coloridas, o nosso jeito de falar e as rodas de conversa ao redor da fogueira são expressões da nossa cultura. E sempre que houver encontro, música e memória, ela sempre viverá.



REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

Este capítulo valoriza elementos culturais como festas, oralidade, encontros, vestimentas e formas de convivência. Tais aspectos merecem leitura crítica para que não reforcem uma imagem homogênea ou folclorizada dos povos ciganos.

As referências à estrada, à fogueira, à memória oral e às roupas coloridas integram experiências reais de muitos grupos, mas também compõem um imaginário social amplamente consolidado sobre “o cigano”. Quando apresentados sem problematização, esses elementos podem reforçar estereótipos e obscurecer a diversidade de experiências contemporâneas, inclusive as urbanas, escolarizadas e profissionalmente diversificadas.

Em sala de aula, o capítulo pode sustentar discussões sobre os modos pelos quais culturas são representadas, quem produz essas imagens e quais efeitos elas geram. A leitura crítica permite mostrar que cultura não constitui algo fixo, exótico ou estático, e sim um processo vivo, plural e marcado por constante transformação.





13

O verbo cigano





As línguas ciganas guardam a história de um povo que aprendeu a transmitir suas memórias pela palavra falada. Rom, sinti e calon adaptaram sua fala aos diferentes lugares onde viveram. A língua mudou ao passar dos anos, mas continuou sendo um sinal de pertencimento. Ainda vive na boca dos mais velhos, no ouvido atento das crianças e no respeito de quem aprende a escutar.²¹

Cada palavra carrega lembranças de caminhos percorridos e a sabedoria que sustenta a alma do nosso povo. Mesmo com as mudanças trazidas pelo tempo, a língua cigana preserva traços de quem somos e de onde viemos.

Entre os nossos, não basta ter o sangue, é preciso ter o verbo. Sem ela, o sentimento de pertencimento é incompleto. A língua nos reconhece, nos aproxima e nos protege. É fronteira e abrigo. Diante dos *gajons*,²² ela é um código sagrado que só quem é de dentro conhece.

Apesar das forças que tentam nos calar, seguimos ensinando nossas palavras, conscientes de que elas podem reconstruir o que o tempo e o preconceito tentaram apagar. Cada palavra é um fio que nos liga à nossa origem e reafirma quem somos diante de um mundo que tantas vezes quis nos silenciar.

Dentro das tendas, nas cozinhas e nos quintais de terra batida, a língua cigana segue viva. Vive nos conselhos que as mães sussurram às

²¹ Segundo Coelho, Silva e Martins (2025), as línguas ciganas constituem importantes elementos de identidade cultural entre os povos rom, sinti e calon, sendo preservadas principalmente por meio da oralidade. COELHO, Carolina Lorena; SILVA, Cleber Cezar da; MARTINS, Daniel Valério. A representação das línguas ciganas como elemento identitário dos povos roma, sinti e calon. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 11., 2025. **Anais CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2026.

²² Significa na língua *chibi* dos grupos calon: pessoa que não é cigana.

filhas, nas histórias contadas ao redor da fogueira e nas barganhas. Assim, permanece viva, transmitida de geração em geração



REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

A língua aparece neste capítulo como lugar de memória, pertencimento e proteção. O texto evidencia, assim, a relação entre linguagem e identidade cultural. Ao mesmo tempo, convém reconhecer que a experiência linguística dos povos ciganos é diversa e atravessada por processos históricos de perda, mudança e deslocamento.

Nem todos os ciganos falam hoje línguas ciganas, e isso não os torna menos pertencentes à sua cultura. Por essa razão, o capítulo deve ser lido não como definição fixa da identidade cigana, mas como valorização de um elemento da memória cultural.

No campo pedagógico, o texto pode sustentar discussões sobre diversidade linguística, preconceito contra línguas minoritárias e papel da oralidade na transmissão de saberes. Também favorece a problematização da ideia de que apenas o conhecimento escrito detém legitimidade histórica e cultural.



14

*Casamento cigano: honra,
tradição e palavra dada*





O casamento cigano talvez seja o rito mais famoso e o que mais desperta curiosidade entre os *gajons*. Para o nosso povo, o casamento é um rito, símbolo de honra e de passagem. Desde cedo, os caminhos das moças e dos rapazes são traçados pelas famílias, em acertos que unem dois corações e duas linhagens inteiras.²³

A menina, quando casa, vai morar no acampamento do marido, aprendendo, aos poucos, o papel que passa a ocupar. Esposa, nora e mulher na comunidade. Cuida com zelo da família do esposo, aprende a rotina e compartilha da vida coletiva, onde tudo tem valor e significado.

Nos primeiros dias, preparam juntos o cantinho simples onde começarão sua vida a dois. Uma cama, uma mesa com quatro cadeiras, um fogão, algumas panelas, uma geladeira, é o bastante. Para muitos, não há luxo, mas há dignidade.

Entre os nossos, o casamento é o momento em que o jovem se torna homem e a moça é enfim reconhecida como mulher dentro da comunidade. Não há espaço para intimidade antes do altar ou da bênção dos pais. E, quando enfim se casam, seguem o costume: três dias de celebração com os noivos ainda separados. Só na terceira noite podem ficar a sós. E, no dia seguinte, a tradição exige o lençol como sinal público da honra atribuída à noiva diante da família.

Há também casamentos por fuga ou rapto consentido. Entre os sinti, o rapaz rapta a moça que ama, e eles se escondem por alguns dias. Quando voltam, o reencontro com os pais é selado por rituais simbólicos, em que acontecem discussões fingidas, uma bofetada e a

²³ As práticas de casamento entre os povos ciganos são diversas e variam entre diferentes grupos, famílias e contextos históricos. As descrições apresentadas neste capítulo referem-se a tradições observadas em determinados grupos e não representam a totalidade das comunidades ciganas.

bênção da “*phuri da?*”.²⁴ Ela parte um pão redondo, coloca vinho e sal e entrega ao casal dizendo: “Quando estiverem fartos do sal que dá sabor à vida e do vinho que traz alegria, estarão fartos de si mesmos.” O gesto sela o amor com poesia e sabedoria ancestral.

Entre os rom, o casamento reforça os laços entre clãs, muitas vezes entre primos, e o dote em ouro, o *darro*,²⁵ é pago pela família do noivo, símbolo de respeito e da honra da moça.

Para os povos romani, casar significa assumir responsabilidades e dar continuidade à história familiar. É um momento que reúne tradição, convivência e compromisso com a comunidade.²⁶



REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

Este é um dos capítulos que mais exigem mediação crítica no espaço escolar. As práticas descritas integram tradições presentes em determinados grupos e circunstâncias históricas, mas não podem ser apresentadas como universais nem como modelos passíveis de naturalização.

²⁴ Termo da cultura e língua romani (cigana) que se refere a uma mulher idosa e respeitada que detém autoridade moral e conhecimento tradicional dentro de uma comunidade ou clã

²⁵ Ritual que envolve um contrato de garantia, suporte material e psicológico entre as famílias envolvidas (dote que o pai do noivo paga ao pai da noiva).

²⁶ As informações sobre a representação do casamento em alguns grupos ciganos neste capítulo foram obtidas das seguintes pesquisas: MULLER, Beatriz Cezar. **Os ciganos calon do acampamento em Praia Grande e o espaço escolar**: um olhar etnomatemático. 2014. 190f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática) – Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória – ES, 2014; RAMANUSH, N. **Atrás do muro invisível**: crença, tradição e ativismo cigano. São Paulo: Bandeirantes, 2012.;

MOTA, Maria Lúcia Rodrigues. **(Re) Conhecer a cultura cigana**: uma proposta de inclusão ao currículo escolar em Trindade-Go. 2015. 151f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica) – Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, 2015, p. 28.

Temas como casamento arranjado, rapto consentido, prova simbólica de virgindade e papéis rígidos de gênero entram em tensão com princípios de proteção integral previstos no ordenamento jurídico brasileiro, sobretudo no que se refere aos direitos de crianças, adolescentes e mulheres. Por essa razão, sua leitura precisa ser acompanhada de contextualização crítica à luz da dignidade humana, da liberdade e da igualdade de direitos.

Nesse caso, a educação não deve assumir uma postura de exotização acrítica da prática cultural, tampouco uma condenação simplificadora que desconsidere sua historicidade. O encaminhamento pedagógico mais consistente está no diálogo intercultural crítico, capaz de compreender a tradição em seu contexto e de promover reflexão sobre direitos humanos, autonomia, proteção legal e mudanças sociais.



15

O legado da família





A família é mais do que laço de sangue.²⁷ É o alicerce que nos mantêm de pé. Desde pequeno, entendi que é dentro dela que descobrimos quem somos e para onde seguimos.

A família não é só pai, mãe e irmãos. É também o tio que ensina a negociar, a avó que conta histórias antes de dormir, o primo que ajuda a erguer a barraca e o sobrinho que corre descalço pelo acampamento. Vivemos próximos uns dos outros. E, mesmo quando a estrada nos separa, o elo permanece.

É dentro da família que a cultura cigana se consolida. Ali aprendemos ouvir os mais velhos, respeitar a palavra dada e guardar conselhos. As histórias não ficam escritas em livros. Passam de boca em boca, de geração em geração. Cada conversa ao redor do fogo é também uma forma de ensinar.

A organização familiar segue a tradição patriarcal. O homem é o provedor, e a mulher cuida da organização do lar e dos filhos. Não é apenas uma regra, é tradição. Cada um tem seu papel, e todos sabem a qual pertencem. É desse equilíbrio entre tradição e afeto que se constrói a força da família cigana.



²⁷ De acordo com Mota (2015), a família representa a principal base social entre os povos ciganos — rom, sinti e calon — sendo responsável pela formação da identidade e da personalidade social dentro de seus referenciais culturais.

MOTA, Maria Lúcia Rodrigues. **(Re) Conhecer a cultura cigana:** uma proposta de inclusão ao currículo escolar em Trindade-Go. 2015. 151f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica) – Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, 2015, p. 27.

REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

Este capítulo valoriza a família como espaço de proteção, ensino e continuidade cultural. Tal formulação ganha relevo, sobretudo em culturas nas quais a transmissão de saberes ocorre de modo fortemente relacional e intergeracional.

Ao mesmo tempo, a apresentação de papéis de gênero mais rígidos — homem provedor, mulher responsável pelo lar — precisa ser trabalhada criticamente para que não seja lida como modelo natural ou universal. As relações familiares e os papéis sociais são construções históricas e vêm se modificando em diferentes circunstâncias, inclusive no interior das próprias comunidades ciganas.

No espaço escolar, o capítulo pode sustentar debates sobre família, tradição, afeto, gênero e mudança social. Desse modo, a narrativa preserva seu valor cultural sem se fechar a uma leitura comprometida com igualdade, respeito e direitos.



16

*“Breganha”: nosso jeito de
trabalhar*





Muita gente já disse que cigano não trabalha. Mas quem convive conosco sabe que isso não é verdade. Talvez o que confunda seja o nosso jeito diferente de trabalhar.

A “breganha”²⁸ faz parte da nossa tradição. É a arte de negociar. Observar com olhos atentos e pensamento ligeiro, escutar com cuidado, avaliar um cavalo, um carro ou um terreno. Muitas vezes, o trato é fechado com uma conversa firme e um aperto de mão. A palavra dada vale mais do que contrato.

Negociar, para nós, não é apenas comprar ou vender. É aprender a reconhecer o valor do que está diante dos olhos, entender o momento certo de falar e o momento certo de ouvir. Esse conhecimento passa de geração em geração, como ensinamento de família.

O tempo muda, e a gente muda com ele. Muitos de nós trabalham em empresas, têm carteira assinada, estudam e seguem diferentes profissões. Mesmo assim, continuam negociando com os *gajons*, como sempre fizeram. São eles, aliás, que vêm até nós em busca de um bom trato, uma boa conversa, uma chance de sair ganhando também. O trabalho entre nós se mede por sabedoria e não em rotina. E isso, meu amigo, nenhum relógio de ponto ensina.²⁹



²⁸ Termo coloquial usado por ciganos calon para comercializar, fazer trocas, barganha.

²⁹ As informações apresentadas neste capítulo foram inspiradas em relatos de membros de uma comunidade cigana calon localizada em Caldas Novas (GO), registrados na pesquisa de campo realizada para a dissertação de mestrado da autora. Embora o comércio e a negociação tenham historicamente representado importantes formas de subsistência entre grupos ciganos, essas práticas não representam a totalidade das atividades econômicas desenvolvidas pelas diferentes comunidades ciganas.

REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

Este capítulo enfrenta um estereótipo histórico amplamente difundido: o de que os ciganos não trabalham. Ao apresentar a negociação, a observação, a troca e a inteligência relacional como formas legítimas de trabalho e saber, o texto desloca leituras preconceituosas sobre os modos de vida ciganos.

Também é preciso assinalar que as formas de trabalho entre os povos ciganos são múltiplas e não se limitam às práticas tradicionais de comércio e negociação. Muitos ciganos exercem profissões urbanas, estudam, empreendem e circulam por distintos espaços sociais.

No campo educativo, o capítulo pode ampliar a noção de trabalho ao valorizar saberes práticos, conhecimentos familiares e formas diversas de inserção econômica. Com isso, favorece o questionamento de visões reducionistas e preconceituosas sobre os modos de vida ciganos.



17

*A luz do Duwé: espiritualidade
na cultura cigana*





A fé é caminho, proteção e esperança. Ela está nas velas acesas, nas preces sussurradas ao amanhecer e nas promessas feitas durante as longas viagens da vida. A fé nos guia quando tudo parece incerto e nos lembra que não caminhamos sozinhos.

Entre nós, a fé não segue um único caminho. *Duwê*³⁰ se manifesta de diferentes formas: Deus, Jesus Cristo, Alá, Nossa Senhora, Santa Sara, Buda, orixás ou outras entidades. Há quem encontre *Duwê* nos templos, quem acenda velas em silêncio e quem converse com o sagrado apenas no pensamento. O que importa é que existe uma força maior que nos acompanha pela estrada da vida iluminando nosso caminho.



REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

A espiritualidade aparece neste capítulo como lugar de sentido, proteção e pertencimento. O texto evidencia, desse modo, a centralidade do sagrado em muitas experiências culturais ciganas.

Ao mesmo tempo, é preciso assinalar que não existe uma única religião cigana, nem uma forma única de vivenciar o sagrado entre os povos ciganos. As crenças variam entre grupos, famílias, territórios e trajetórias individuais. Por isso, a pluralidade religiosa precisa ser explicitada e valorizada.

No espaço escolar, o capítulo pode sustentar discussões sobre liberdade religiosa, respeito às diferentes crenças e diversidade de experiências

³⁰ Em alguns grupos ciganos, especialmente entre os calon, a palavra “*duwê*” é utilizada para se referir a Deus ou à força divina suprema. Segundo Shimura (2017), trata-se de uma concepção espiritual ampla, na qual o sagrado pode manifestar-se de diferentes formas e nomes, sem necessariamente estar vinculado a uma única religião ou tradição dogmática.

SHIMURA, I. M. **Ser cigano:** identidade étnica em um acampamento Calon itinerante. 2017. 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, Maringá (PR), 2017.

espirituais. Sua leitura, contudo, deve afastar qualquer forma de proselitismo e se orientar pela formação para o respeito intercultural.



18

*Santa Sarah Kálí: a santa
padroeira dos ciganos*





Entre as devoções mais queridas do povo cigano está Santa Sarah Kalí, a santa negra que caminha conosco pelas estradas da fé e da esperança. Ela derrama suas bênçãos sobre o nosso povo, protege as famílias, os acampamentos e garante o pão de cada dia. Ao mesmo tempo, carrega uma força sagrada capaz de afastar os males e desfazer qualquer embaraço que ameace nossos caminhos. É ela quem cuida dos nossos acampamentos, da fartura da nossa mesa, da saúde dos nossos filhos.

Segundo a tradição, Sarah teria vindo da Núbia. Tinha a pele da cor da terra e o olhar de quem conhecia o sofrimento do mundo. Era serva e acompanhou as três Marias — Jacobina, Salomé e Madalena — junto com José de Arimateia, em um pequeno barco que partiu da Palestina durante um tempo de perseguições. Conta-se que, em meio ao medo e à incerteza, foi sua fé que sustentou a travessia até a terra firme onde hoje está a cidade de Saintes-Maries-de-la-Mer, no sul da França.

Ao chegar, Sarah enfrentou rejeição por ser negra e serva. Foi então que os povos ciganos da região a acolheram. Aquele gesto simples, de coração puro, selou para sempre o laço entre Santa Sarah e o nosso povo. Desde então, ela passou a ser vista como protetora contra os males, as injustiças e as forças que tentam apagar nossa história.³¹

³¹ De acordo com Vieira (2021) esta é a lenda de Santa Sara Kalí que é mais aceita entre os ciganos, embora haja outras versões sobre sua história. VIEIRA, Wilker Lopes. **Depois do asfalto, lá os ciganos:** Manifestações culturais, identidade e territorialidade. 2021. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Instituto de Estudo Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, 2021, p. 68-69.

Todos os anos, nos dias 24 e 25 de maio, povos ciganos de todas as partes do mundo acendem velas azuis, vestem roupas coloridas e se reúnem em oração. É um momento de renovação da fé e da esperança.

Santa Sarah, para nós, é símbolo de resistência, acolhimento e amor. Uma mulher que, mesmo esquecida por muitos, jamais se esqueceu dos seus. Seu nome atravessou o tempo e continua presente onde um cigano reza sob o céu aberto da estrada.



REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

Este capítulo aborda uma devoção significativa para muitos grupos ciganos, especialmente no contexto de peregrinações e práticas religiosas ligadas à memória e à proteção. A narrativa valoriza sua importância simbólica e afetiva, o que é legítimo e culturalmente relevante.

No entanto, é importante lembrar que Santa Sarah Kalí não representa todas as experiências religiosas ciganas. Sua centralidade não é universal, e a própria devoção assume formas diversas em diferentes contextos. Essa observação é importante para evitar que uma prática religiosa específica seja tomada como representação total da espiritualidade cigana.

Em sala de aula, o capítulo pode contribuir para trabalhar diversidade religiosa, devoção popular, patrimônio simbólico e pluralidade cultural, sempre com ênfase no respeito às diferentes formas de expressão da fé.





19

*Dia Nacional dos Povos
Ciganos: dignidade e
reconhecimento*



24 de maio



Você sabia que existe um dia dedicado ao povo cigano no Brasil? É o dia 24 de maio. Nessa data, celebramos nossa cultura, nossa história e também a devoção a Santa Sarah Kalí.

O Dia Nacional do Cigano foi reconhecido oficialmente em 2006, por meio de um decreto presidencial.³² Esse reconhecimento representa um passo importante para tornar visível um povo que, por muito tempo, foi mantido à margem da história oficial. É também um gesto de respeito por tudo que construímos nesta terra, nossas histórias, saberes e tradição.

Esse dia é um chamado ao respeito à diversidade e ao combate ao preconceito. Reconhecer oficialmente a existência de um povo é reconhecer sua história, sua cultura e seu direito de fazer parte da sociedade brasileira com dignidade.



REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

O reconhecimento institucional do Dia Nacional dos Povos Ciganos representa um avanço na visibilidade social e política dessas comunidades. O capítulo, contudo, também permite mostrar que o reconhecimento simbólico, por si só, não supera as desigualdades históricas, nem as lacunas nas políticas públicas que alcançam os povos ciganos.

A criação de datas comemorativas possui valor pedagógico e político, pois favorece a inclusão de temas invisibilizados no debate público e no currículo escolar. Ainda assim, convém discutir, em sala de aula, o que essas datas efetivamente alteram na vida concreta dos grupos homenageados.

O texto permite, desse modo, articular memória, cidadania, políticas públicas e enfrentamento do preconceito. Também convida estudantes e

³² O Dia Nacional do Cigano foi reconhecido oficialmente em 2006, por meio do Decreto Presidencial nº 10.841.

professores a refletir sobre a relação entre reconhecimento formal, direitos e inclusão efetiva.



20

Nossa história não termina aqui





Agora que você caminhou comigo por essas páginas costuradas com memória, dor, encontros e resistências, talvez consiga compreender um pouco mais quem somos. Eu não falei só por mim. Falei por muitos que vieram antes e por aqueles que ainda virão.

Se você chegou até aqui, é porque caminhou comigo por histórias que não são só minhas. São histórias do meu povo. E por isso, já posso te chamar de “um dos nossos”, mesmo que você não tenha nascido cigano. Porque quem escuta com o coração, já faz parte da roda. Cada capítulo dessa história é uma brasa acesa da grande fogueira que nos reúne. E que a nossa fogueira ainda queime, mesmo quando o mundo insiste em apagar.

Reviver as dores, lembrar das fugas, das correrias, das injustiças não foi tão fácil, mas também não posso dizer que foi apenas triste. Ao olhar para trás, vejo que nossa trajetória também é feita de coragem. Coragem de continuar. Coragem de existir. E coragem é o que mais temos.

Ser cigano é carregar a alegria no rosto, mesmo quando o mundo tenta apagar nosso sorriso. É resistir sem perder a leveza. É dançar mesmo quando a música é de dor. Ser cigano é aprender desde cedo que há caminhos que não se traçam em mapas. Se traçam no coração, nas histórias e nos passos que seguimos guiados pela memória dos que vieram antes. É olhar para o passado e reconhecer nele não só a dor, mas a resiliência de quem sobreviveu. É olhar nos olhos dos mais velhos e perceber que ali, mesmo sem uma palavra, há vivências cheias de memória, coragem e sabedoria.

Contar essa história foi como abrir um baú antigo escondido sob a poeira do tempo. Cada palavra revelava um pedaço de mim e dos meus ancestrais. No entanto, ela não termina aqui. Nossa história não é uma linha que acaba, mas um círculo que se renova a cada geração,

mantendo viva a chama de quem fomos e de quem ainda seremos. É estrada que segue, cheia de curvas, sol, poeira e esperança. E enquanto houver estrada, meu povo caminhará por ela. E, na voz de quem guarda e partilha nossas histórias, o povo cigano jamais deixará de existir.

Eu sou cigano. Sou também estudante, trabalhador e sonhador. Sonho com um mundo onde a gente não precise esconder quem é pra ser aceito. Sonho com escolas que acolham de verdade, com olhares que compreendam, com espaços onde nossa presença não cause estranhamento, mas seja reconhecida com respeito.

Se, ao final desta leitura, você enxergou meu povo com um pouco mais de entendimento, então este caminho já valeu a pena. Porque toda mudança começa quando alguém decide escutar. E as histórias, quando são escutadas, continuam a viver.

E você, que agora faz parte dessa roda, está pronto pra contar essa história adiante?



REFLEXÃO CRÍTICA E DIÁLOGO PEDAGÓGICO

O capítulo final reafirma a centralidade da memória, da continuidade e da escuta como formas de existência coletiva. Ao convidar o leitor a integrar a roda, a narrativa amplia o compromisso ético da leitura: conhecer não basta; é preciso rever o olhar.

Do ponto de vista pedagógico, esse encerramento desloca o leitor de uma posição passiva para uma postura implicada. O texto sugere que aprender sobre os povos ciganos ultrapassa a aquisição de informações e exige revisão de preconceitos, ampliação de referências e responsabilização diante da diversidade cultural.

Esse desfecho pode ser trabalhado em sala de aula como convite à escuta, à empatia e à ação educativa crítica. Também reforça a ideia de que as

histórias não se encerram no livro; permanecem vivas quando produzem reflexão, diálogo e mudança social.



Convite à leitura e à diversidade cultural



As histórias que atravessaram estas páginas nasceram de caminhos antigos, de memórias guardadas e de vozes que muitas vezes permaneceram à margem da história escrita. Conhecer a trajetória dos povos ciganos é também perceber que o mundo é feito de muitos povos, muitas culturas e muitas formas de existir.

Durante muito tempo, certas histórias foram pouco contadas ou escutadas apenas dentro das próprias comunidades que as carregavam. Ao se aproximar dessas narrativas, o leitor descobre que a diversidade cultural não é distância, e sim, possibilidade de encontro.

Cada povo guarda saberes, tradições e modos de compreender a vida. Quando nos permitimos escutar essas narrativas com respeito e curiosidade, ampliamos nosso olhar e percebemos que a humanidade é mais diversa do que imaginávamos.

Ler sobre outras culturas é também aprender a reconhecer que nenhuma trajetória existe sozinha. Todas fazem parte de um tecido maior, formado por experiências, memórias e trajetórias que se entrelaçam com o tempo.

Que este livro seja apenas o começo de novas perguntas, novas leituras e novas conversas. Que ele desperte o desejo de conhecer mais

sobre os povos ciganos e sobre tantos outros grupos que fazem parte da diversidade cultural presente em nossa sociedade.

Porque cada história escutada com atenção abre caminho para uma sociedade mais justa, mais humana e mais capaz de reconhecer o valor de todas as vozes.



Guia pedagógico



Orientações ao professor



Este livro foi concebido como um material de apoio para o trabalho pedagógico com temas relacionados à diversidade cultural, memória social e reconhecimento das diferentes identidades presentes na sociedade brasileira. A narrativa literária que atravessa as páginas busca aproximar os estudantes da trajetória histórica e cultural dos povos ciganos, valorizando suas memórias, tradições e formas de organização social.

Ao utilizar esta obra em sala de aula, o professor explora tanto a dimensão literária do texto quanto os aspectos históricos, culturais e sociais presentes na narrativa. A leitura pode ser realizada de forma integral ou em trechos selecionados, conforme os objetivos da atividade e o tempo disponível no planejamento pedagógico.

Uma possibilidade de abordagem é promover momentos de leitura compartilhada, nos quais os estudantes possam discutir suas impressões, dúvidas e interpretações sobre os temas apresentados. A roda de conversa permite favorecer a construção coletiva do conhecimento e estimular reflexões sobre respeito à diversidade, preconceito e reconhecimento cultural.

O livro também permite o desenvolvimento de atividades interdisciplinares. Em Língua Portuguesa, pode-se trabalhar elementos da narrativa, memória e produção textual. Em História e Geografia, é possível discutir processos históricos, migrações e a presença dos

povos ciganos no Brasil e no mundo. Já em Sociologia ou projetos de formação cidadã, a obra pode contribuir para reflexões sobre identidade, cultura e inclusão social.

O guia pedagógico apresentado ao final do livro oferece sugestões de perguntas, atividades e propostas interdisciplinares que podem ser adaptadas conforme a realidade de cada escola e o perfil da turma.

É importante lembrar que os povos ciganos não constituem um grupo homogêneo. Existem diferentes comunidades, tradições e formas de organização social. Por isso, as práticas culturais mencionadas ao longo da obra devem ser compreendidas como exemplos de vivências presentes em determinados contextos e não como representações absolutas de todos os grupos ciganos.

Mais do que transmitir informações, este livro busca incentivar a escuta, o diálogo e a valorização das diferentes histórias que compõem a sociedade. Ao trabalhar com essas narrativas, o professor contribui para ampliar o olhar dos estudantes sobre a diversidade cultural e fortalecer valores de respeito, empatia e convivência.



Guia de leitura e atividades



1. PERGUNTAS DE INTERPRETAÇÃO:

Após a leitura do livro, os estudantes podem refletir sobre algumas questões que ajudam a compreender melhor a narrativa e os temas abordados.

a. Quem narra a história apresentada no livro e de que maneira essa narrativa aproxima o leitor da cultura cigana?

b. Por que o narrador afirma com orgulho “sou cigano”?

c. De que forma a memória e as histórias contadas pelos mais velhos contribuem para a preservação da cultura cigana?

d. Quais foram alguns dos desafios históricos enfrentados pelos povos ciganos ao longo dos séculos?

e. Como a família cigana aparece representada no livro e qual é sua importância na transmissão de tradições e valores?

f. De que maneira o livro apresenta diferentes formas de trabalho entre os povos ciganos?

g. Como a espiritualidade é representada pelos povos ciganos?

h. Por que conhecer histórias e culturas diferentes pode ajudar a construir uma sociedade mais justa?

Habilidades da BNCC relacionadas

EF69LP44 — Inferir informações implícitas em textos.

EF69LP47 — Analisar efeitos de sentido decorrentes da escolha de palavras e da construção narrativa.

EF89LP32 — Analisar textos narrativos que abordam memória e identidade.

2. TEMAS PARA DEBATE EM SALA DE AULA

A leitura do livro pode servir como ponto de partida para debates sobre diversidade cultural, identidade e respeito às diferenças.

a. Diversidade cultural

- Por que é importante conhecer diferentes culturas presentes na sociedade brasileira?
- De que forma o contato entre culturas diferentes contribui para enriquecer a sociedade?

b. Preconceito e estereótipos

- Como surgem os estereótipos sobre determinados grupos sociais?
- Quais são os impactos do preconceito na vida das pessoas e comunidades?

c. Memória e tradição

- O que significa identidade cultural?
- Por que as histórias contadas pelos mais velhos são importantes para manter viva a memória de um povo?

d. Identidade cultural

- O que forma a identidade de um povo?
- Quais tradições fazem parte da identidade cultural de cada estudante?

Habilidades da BNCC relacionadas

EF09HI26 — Discutir e analisar diferentes formas de preconceito, discriminação e exclusão social.

EM13CHS102 — Analisar processos históricos e culturais relacionados à formação das identidades.

EM13CHS204 — Analisar a diversidade cultural e social presente nas sociedades contemporâneas.

3. SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Atividade 1 – Memórias da minha família

Proponha que os estudantes conversem com familiares ou pessoas mais velhas de sua comunidade para registrar histórias, costumes ou tradições que fazem parte da memória familiar.

Os relatos podem ser registrados em forma de texto, áudio ou desenho e compartilhados em sala de aula.

O objetivo é mostrar que todas as famílias possuem histórias que ajudam a construir identidade e memória.

Habilidades da BNCC

EF69LP26 — Produzir textos narrativos considerando experiências pessoais e coletivas.

EF67LP23 — Planejar e produzir textos a partir de relatos e memórias.

Atividade 2 – Produção textual: Minhas raízes

Peça aos estudantes que escrevam um texto com o tema:

“Minhas raízes e minha história”

Os alunos podem refletir sobre:

- tradições familiares
- histórias contadas por parentes
- costumes que fazem parte de sua vida.

Habilidades da BNCC

EF69LP07 — Produzir textos narrativos com base em experiências pessoais.

EF89LP35 — Produzir textos que expressem identidade e memória.

Atividade 3 – Mapa das migrações

Utilizando um mapa-múndi ou mapa do Brasil, os estudantes podem localizar alguns lugares mencionados no livro, como:

- Índia
- Europa
- França
- regiões brasileiras com presença cigana.

A atividade ajuda os alunos a compreender melhor os processos históricos de migração.

Habilidades da BNCC

EF08GE04 — Analisar fluxos migratórios e suas implicações sociais e culturais.

EF09GE03 — Compreender processos de mobilidade populacional no mundo.

Atividade 4 – Roda de conversa sobre preconceito

Organize uma roda de conversa para discutir:

- o que os estudantes sabiam sobre os povos ciganos antes da leitura
- o que aprenderam após a leitura
- se alguma ideia ou estereótipo foi desconstruído.

Habilidades da BNCC

EF09HI26 — Discutir preconceitos e desigualdades sociais.

EM13CHS503 — Analisar situações de discriminação e propor atitudes de respeito à diversidade.

4. PROPOSTAS INTERDISCIPLINARES

Este livro permite o desenvolvimento de atividades que dialogam com diferentes áreas do conhecimento.

Língua Portuguesa

- análise da narrativa em primeira pessoa
- estudo da oralidade e da memória
- produção de narrativas autobiográficas.

BNCC: EF69LP44, EF69LP47, EF89LP35.

História

- estudo da trajetória histórica dos povos ciganos
- análise de processos de perseguição e exclusão social.

BNCC: EF09HI26, EM13CHS102.

Geografia

- análise de migrações e mobilidade populacional
- localização geográfica dos caminhos percorridos pelos povos ciganos.

BNCC: EF08GE04, EF09GE03.

Sociologia / Ciências Humanas

- debate sobre identidade cultural
- reflexão sobre diversidade e inclusão social.

BNCC: EM13CHS204, EM13CHS503

5. ATIVIDADE DE ENCERRAMENTO

Como atividade final, o professor pode propor que os estudantes escrevam uma carta ou mensagem respondendo à pergunta apresentada no final do livro:

“Você está pronto para contar essa história adiante?”

Os estudantes podem refletir sobre:

- o que aprenderam com a leitura
- como o conhecimento pode ajudar a combater preconceitos
- por que é importante valorizar a diversidade cultural.

Habilidades da BNCC

EF69LP07 — Produzir textos argumentativos e reflexivos.

EM13CHS102 — Refletir sobre diversidade cultural e identidade.



Sobre a construção deste livro



Este livro foi concebido a partir de um encontro entre memória, pesquisa e experiência vivida. As histórias, reflexões e relatos presentes nestas páginas dialogam com a trajetória dos autores e com a convivência junto à comunidade calon localizada no município de Caldas Novas, no estado de Goiás.

O narrador-personagem que conduz a narrativa foi inspirado em um dos participantes da pesquisa, Alan Kardec Soares Rodrigues Guimarães³³, integrante da comunidade calon de Caldas Novas (GO). Sua trajetória, marcada pelo ingresso no ensino superior no curso de Pedagogia, constitui um marco importante, sendo reconhecido como o primeiro cigano calon da localidade a acessar esse nível de formação. A construção desse narrador buscou, assim, dialogar com experiências reais, preservando, no entanto, o caráter literário da obra.

A obra integra o produto educacional desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino para a Educação Básica do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí, cuja pesquisa buscou compreender aspectos culturais, identitários e históricos dos povos ciganos, bem como refletir sobre os desafios relacionados à visibilidade, ao reconhecimento cultural e à educação dessas comunidades.

³³ O participante autorizou mediante a assinatura do TCLE sua identificação nesta pesquisa.

Muitas das reflexões apresentadas foram inspiradas em relatos, conversas e experiências compartilhadas por membros da comunidade, que generosamente dividiram suas histórias, memórias e saberes. Ao transformar essas vivências em narrativa literária, a intenção foi construir um texto acessível a estudantes da educação básica, professores e leitores interessados em conhecer melhor a trajetória e as tradições dos povos ciganos.

As ilustrações presentes ao longo do livro acompanham a narrativa como elementos de apoio à imaginação e à construção simbólica das cenas descritas, não representando a totalidade da diversidade dos povos ciganos. Essas imagens foram criadas com o auxílio de inteligência artificial DALL·E (OpenAI), exclusivamente para fins ilustrativos. Elas não pretendem representar com precisão histórica ou etnográfica absoluta as vestimentas, feições ou ornamentos ciganos de cada período histórico. Ainda assim, foram elaboradas buscando dialogar com os contextos narrativos apresentados.

O livro retrata imagens como estrada, fogueira, mistério, espiritualidade, roupas coloridas, oralidade, liberdade errante. Esses elementos têm força narrativa e pertencem a muitas experiências históricas ciganas, mas devem ser vistas com atenção crítica para que não se transformem em imagens únicas e totalizantes de todos os povos ciganos, portanto não possui a intenção de estereotipar a imagem dos povos ciganos.

Os acontecimentos históricos mencionados na obra, por sua vez, estão fundamentados em estudos e pesquisas etno-históricas reconhecidas, que contribuíram para compreender a trajetória dos povos ciganos ao longo do tempo.

A validação do produto educacional, realizada com professores da educação básica por meio de um questionário, evidenciou elevada

aceitação do e-book, destacando sua relevância, clareza e aplicabilidade pedagógica, além de seu potencial para o enfrentamento de preconceitos e valorização da diversidade cultural no contexto escolar.

Mais do que oferecer respostas definitivas, este livro busca abrir caminhos para o diálogo, a escuta e o reconhecimento da diversidade cultural que compõe a sociedade brasileira.



*Há povos que escrevem sua história em
livros.*

Outros escrevem na estrada.

Nós escrevemos na memória.

E ela continua sendo escrita.

Referências bibliográficas



BRASIL. **Decreto de 25 de maio de 2006.** Institui o Dia Nacional do Cigano. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/dnn/dnn10841.htm. Acesso em: 25 abr. 2025.

COELHO, Carolina Lorena; SILVA, Cleber Cezar da; MARTINS, Daniel Valério. A representação das línguas ciganas como elemento identitário dos povos roma, sinti e calon. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU)*, 11., 2025. **Anais CONEDU**, Campina Grande: Realize Editora, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2026.

GUIMARAIS, Marcos Toyansk Silva. O extermínio de ciganos durante o regime nazista. **Revista História e Perspectivas**, p. 349-359, jan./jun. 2015.

LAMANIT, Elisabeth Clanet dit. Teorias em debate sobre a origem dos ciganos. *In: GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; TOYANSK, Marcos; OLIVEIRA, Luciana de (orgs.). Ciganos: olhares e perspectivas.* João Pessoa: Editora UFPB, 2019. p. 65-75.

KARPOWICZ, Débora Soares. **Ciganos História, Identidade e Cultura.** Porto Alegre, Rs: Fi, 2018. 339 p. Disponível em:

<https://www.precog.com.br/bc-texto/obras/2019-pack-109.pdf>.

Acesso em: 06 maio 2025.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo: os Ciganos na Europa e no Brasil**. 3ª Ed. Recife – PE, 2011, p. 87-108.

MOTA, Maria Lúcia Rodrigues. **(Re) Conhecer a cultura cigana: uma proposta de inclusão ao currículo escolar em Trindade-Go**. 2015. 151f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica) – Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, 2015, p. 32.

MULLER, Beatriz Cezar. **Os ciganos calon do acampamento em Praia Grande e o espaço escolar: um olhar etnomatemático**. 2014. 190f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática) – Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória – ES, 2014.

RAMANUSH, N. **Atrás do muro invisível: crença, tradição e ativismo cigano**. São Paulo: Bandeirantes, 2012.

SHIMURA, I. M. Ser cigano: identidade étnica em um acampamento Calon itinerante. 2017. 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, Maringá (PR), 2017.

TEIXEIRA, Rodrigo. **História dos Ciganos no Brasil**. Recife, PE: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

VALE, Lucas Medeiros de Araújo. **A última canção de Birkenau (RPG):** desenvolvimento de um Role-Playing Game sobre o genocídio cigano para o ensino de História. 2023. 105f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Inovação em Tecnologias Educacionais) – Instituto Metrópole Digital, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2023.

VIEIRA, Wilker Lopes. **Depois do asfalto, lá os ciganos:** Manifestações culturais, identidade e territorialidade. 2021. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Instituto de Estudo Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, 2021, p. 68-69.



